

1977

DUDU MAIA E O CLUBE DO CHORO

(TRANSIÇÃO MUSICAL PARA O SUCESSO)

LÚCIO FLÁVIO

Aos 21 anos, Dudu Maia era um fã ardoroso de heavy metal. Pre-dileção que o levaria a aprender tocar guitarra, e do instrumento, com os colegas da quadra, costumava tirar sons de bandas como Metallica e Def Leppard. Um dia foi convidado para participar de uma festa na casa de amigos. Avisado que o encontro seria pontua-do por roda de choro, fez cara feia. Mas, lá, encontraria uma turma da pesada formada por nomes como Alencar 7 Cordas, o composi-tor Clésio Ferreira, Nivaldo do Acordeon, além do mítico Cunca e um jovem com mãos de capeta que botava fogo num instrumento, que Maia tinha pouco ou quase nenhum contato: o bandolim. Quem comandava o pedaço era ninguém menos do que Hamilton de Holanda, então com 22 anos.

“Foi muito bacana, era a primeira vez que via o Hamilton, aquele cara novinho, quase da minha idade, mandando ver no bandolim”, lembra Dudu. “Na época, eu era professor de inglês e com o salário daquele mês comprei um bandolim. Aprendi a tocar com o próprio Hamilton.” Hoje, 11 anos depois, Dudu Maia é uma cria da cidade, com seu talento de bandolinista reconhecido e respeitado no Brasil e no exterior, onde participa, todos os anos, de simpósios e palestras sobre o instrumento e o ritmo consagrado por nomes como Chiquinha Gonzaga, Jacob do Bandolim e, claro, Pixinguinha.

Muito desse prestígio é devotado não apenas a mestres como Ham-ilton de Holanda, mas a uma instituição que viraria sinônimo de

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A. Press



DUDU MAIA TROCOU O RITMO DO HEAVY METAL E SE TORNOU, COM O BANDOLIM, UMA REFERÊNCIA ATÉ NO EXTERIOR

música de qualidade no Distrito Federal e no mundo: o Clube do Choro. Oficialmente fundado em 1977, no mesmo ano que Maia nasceu, o espaço concentra um celeiro de instrumentistas do país. “Praticamente vi o Clube crescer. Toda semana ia lá para ver os gran-des mestres tocar”, recorda Maia. “Mas na época, o lugar era muito diferente do que é hoje. Parecia mais um ‘barzão’, com luzes acesas, gente conversando alto, em pé, era uma confusão”, compara.

A transformação definitiva do ambiente tal qualoa conhecemos hoje, ou seja, como um importante polo de música e organizada casa de show, se daria em 1993, pelas mãos e sonhos de Henrique Lima Fi-lho, mais conhecido como Reco do Bandolim. A guinada seria moti-vada por nota desafinada, uma ação de despejo contra a sede. “O Clu-be do Choro nasceu de uma história bonita, a semente seria plantada

por pessoas que abandonaram o Rio de Janeiro, naqueles anos dourados, em busca de oportunidades neste fim de mundo que era o cerrado na época”, relembra Reco, há 14 anos à frente da instituição.

CLUBE DO CHORO

SDC, Bl. G, Eixo Monumental. Contato: 3224-0599. Bilheteria aberta segundas e terça-feiras, das 13h30 às 20h30. Quartas e sextas-feiras, das 13h30 às 22h30. Sábados, das 19 às 22h30.

E MAIS...

O ano de 1977 foi marcado por uma tragédia: no Zoológico da cidade, o oficial da Aeronáutica, Sílvio Holembach, se transformou em herói nacional depois de pular no poço das ariranhas para socorrer Adílson Florêncio da Costa, na época com 13 anos. O ano também foi marcado pelo crescimento da população da cidade, que chegou a 1 milhão de pessoas. Na África do Sul, o ativista Steve Biko foi capturado pela polícia do seu país, sendo assassinado seis dias depois. Em São Paulo, o Corinthians quebrou um jejum de 23 anos, tornando-se o novo campeão paulista em cima do rival Ponte Preta. No Recife, Enéias Freire, cria o bloco Galo da Madrugada, até hoje, uma das atrações no carnaval da capital pernambucana.

O processo de recuperação ganharia forma com a convoca-ção geral de todos os “chorões” da cidade. Não demorou muito para o espaço ser tomado por quatro grupos de choro que, por meio de apresentações semanais, revitalizariam a programação da casa com apresentações memoráveis.

Foi mais ou menos nesse período que o Dudu Maia começou a fre-quentar o lugar em busca de referências para enriquecer o seu reper-tório. “Era só ali, no Clube, que eu conseguia ouvir os choros que con-hecia apenas de partituras”, revela Maia, que foi por quatro anos um dos professores da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello (em homenagem ao músico morto precocemente), a primeira do gênero no país, criada em 1997 por Reco do Bandolim.

Para Dudu Maia, a escola — hoje com 400 matrículas — repre-senta uma espécie de filtro sociocultural para grande parte dessas crianças. Agora, tanto Reco quanto Maia esperam pela viabilização do Espaço Cultural do Choro, um complexo moderno com salas, auditório e um museu projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer.